

A capoeiragem carioca

Jair Moura



Na crônica da capoeiragem carioca o mestiço desempenhou um papel preponderante. Produto da fusão das raças branca e negra, robusto, destemoroso, muitas vezes intimidava, vencendo, sobrepujava o negro nas competições que se travavam entre os representantes das raças aludidas.

Exímios cultivadores da capoeiragem, autênticos campeões, os mestiços

concomitantemente também contribuíram para sua desvirtuação, pois foram os responsáveis pela introdução de armas na capoëra, o que não se registrava nas suas primitivas manifestações. O ferro de dois gumes e a navalha do fadista lisboeta passaram a ser utilizados com freqüência. A capoeiragem adquiriu novos contornos, positivos e negativos, decorrentes da intromissão do referido mestiço.

O ilustre Luís Edmundo, no alentado e consagrado "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis" (1763-1808), devassou com argúcia, acuidade, a mentalidade, a psicologia mórbida do mestiço que traçoeiro investia, combatia, suprimia o adversário, traçando com realismo, nitidez, vivacidade, um impressionante retrato do capoeira delinqüente que julgo indispensável trasladar: "Sem ter do negro a compleição atlética ou sequer o ar rijo e sadio do reino, é, no entanto, um ser que: toda gente teme e o próprio quadrilheiro da justiça, por cautela, respeita.

Encarna o espírito da aventura, da malandragem e da fraude: é sereno e arrojado, e na hora da refrega ou da contenda, antes de pensar na

choupa ou na navalha, sempre ao manto cosida, vale-se de sua esplendida destreza, com ela confundindo e vencendo os mais armados e fortes contendores.

Nesta hora o homem franzino e leve transfigura-se. Atira longe o seu feltro chamorro, seu manto de saragoça e aos saltos, como um símio, como um gato, corre, recua, avança e rodopia, ágil, astuto, cauto e decidido. Nesse manejo inopinado e célere, a criatura é um ser que não se toca, ou não se pega, um fluído, o imponderável. Pensamento. Relâmpago. Surge e desaparece. Mostra-se de novo e logo se tresmalha. Toda a sua força reside nessa destreza elástica que assombra, e diante da qual o tardo europeu vacila e, atônito, o africano se transtorna.

Embora na hora da luta traga ele, entre a dentuça podre, o ferro da hora extrema, é da cabeça, braço, mão, perna ou pé que se vale para abater o êmulo minaz."

Luís Edmundo enfatiza os golpes perpetrados, então em voga: a cabeçada no ventre; a perna era utilizada para a trave, o calço; a mão desferia a tapon e o pé, a rasteira, o pião e o rabo-de-raia.

Continuando, Luís Edmundo, enfoca seus gestos, suas atitudes, típicos de uma coreografia autêntica. Quando surgiam os policiais do antanho, os quadrilheiros empunhando lanças e emitindo gritos de justiça no teatro da contenda, não encontravam mais o capoeira que com agilidade simiesca, escapulia, desaparecia. Nos intervalos pacíficos, era aficionado à música, ao lundu, dançava a fofa, a chocáina e o sarambeque nos locais onde se encontravam vinho, onde campeava o jogo, lotados de fumantes e mulatas.

Era assíduo nas tabernas e nos redutos da marujada, situados nas bandas do Arsenal. Os seus habituais comparsas eram um falsário, um homicida profissional e um ladrão.

Concomitantemente, aos instintos perversos, o mestiço demonstrava gentileza com as mulheres, e não se esquivava de pugnar pelos humildes, pelos fracos.

Era também, um místico, não dispensava no peito o escapulário, e invocava, amiúde o nome de Jesus e da Virgem. Às vezes, na madrugada, diante de um oratório, ajoelhava-se, para orar pelo indivíduo que suprimiu do rol dos vivos.

Documento jurídico de 1904 no qual a navalha está anexada como prova do crime.

Segundo observação de Lima Campos, num trabalho veiculado pela "Cosmos" - Revista Artística, Científica e Literária, número 3, de março de 1906, o supracitado mestiço, criou a gíria, o calão técnico, que foram difundidos amplamente, nos seus segmentos. E evoca num flagrante que impressiona, os lances desenrolados: "A alma do capoeira é o olhar; uma esgrima sutil, ágil, firme, atenta, em que a retina é o florete flexível, penetrante, indo quase devassar a intenção ainda oculta, o desejo, apenas, pensado, voltada sempre para o adversário, apanhando-lhe todo os movimentos, surpreendendo-lhe os mais insignificantes ameaços, para desviá-los, em tempo, com a

destreza defensiva dos braços em rebates lépidos ou evitá-los com os desvios laterais e os recuos saltados de corpo, leve, sobre ponta de pés, até facultar e perceber a aberta e entrar, para ver como é, para contar como foi, segundo o calão próprio.

O capoeira não inutiliza unicamente o adversário pelos seus golpes; inutiliza-o também, e pior, pelo ridículo." Não lutava em silêncio, proferia sempre termos grosseiros visando exasperar, ridicularizar o contendor. Na churumela, (cabeçada), por exemplo, que eles denominavam "levar a torre do pensamento ao aparelho mastigante do poeta", o adversário era atingido com a cabeçada num golpe vigoroso desfechado embaixo do queixo, projetado no espaço e finalmente, esborrachava-se de ventre no chão, ou em cambalhotas com pernas para cima.

Lima Campos, enumera a peneiração, a cocada, o calço ou rasteira, a lamparina e meter o andante, adicionando desenhos representativos desses golpes, de autoria de Calixto Cordeiro.

Coelho Neto em O Nosso Jogo, um dos capítulos do seu livro Bazar, também aborda o que já ressaltamos no início deste trabalho, a característica delituosa assumida pela intervenção do mestiço, quando escreve textualmente: "O que matou a capoeiragem entre nós foi... a navalha. Essa arma, entretanto, sutil e covarde, raramente aparecia na mão de um chefe de malta, de um verdadeiro capoeira, que se teria por desonrado se, para derrotar um adversário, se houvesse de servir do ferro."

Prosseguindo, noutra passagem, esclarece que a arma era descartada pelo capoeira que sabia aplicar, empregar golpes que punham fora de ação o adversário, demonstrando uma técnica insuperável, além de patentear lealdade, impetuosidade, nesses confrontos: "O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando saía dum turumbamba.

Generoso, se trambolhava o adversário, esperava que ele se levantasse para continuar a luta porque "não batia em homem deitado;" outros diziam, com mais desprezo, "em defunto".

Coelho Neto nos dá uma contribuição valiosa, quando evoca com nitidez o perfil, a magnanimidade desse tipo, vinculado, representativo, integrado aos costumes cariocas, através dos séculos: "O capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário."

Pugnas memoráveis, nos anais da capoeiragem, são relatadas por Coelho Neto, no seu trabalho supracitado, que achamos indispensável, para um estudo pormenorizado da capoeiragem que vicejou na cidade do Rio de Janeiro, e que iremos a seguir, transcrever: "Quanto às provas de superioridade da capoeiragem sobre os demais esportes de agilidade e força são tantas que seria prolixa a enumeração.

Além dos feitos dos contemporâneos de Boca Queimada e Manduca da Praia, heróis do período áureo do nosso desestimado esporte, citarei, entre outros, a derrota de famoso jogador de pau, guapo rapagão

minhoto, que Augusto Mello duas vezes atirou de catrambias no pomar da sua chacarínha em Vila Isabel onde, depois da luta e dos abraços de cordialidade, foi servida vasta feijoada. Outro: a tunda infligida a um grupo de marinheiros franceses de uma corveta Palas, por Zé Caetano e dois cabras destorcidos. A maruja não esteve com muita delonga e, vendo que a coisa não lhe cheirava bem em terra, atirou-se ao mar salvando-se, a nado, da agilidade dos três turunas, que a não deixavam tomar pé."

Numa matéria divulgada pelo Diário Carioca, em 16 de janeiro de 1929, acerca da estadia no Brasil de um campeão japonês de jiu-jitsu, Geo Omori, deparamos com um relato que evidencia a potência, a força demolidora da capoeiragem. Nesses embates o capoeira vencedor além de subjugar, de triturar, de escorraçar o adversário, e às vezes chegar ao extremo de cometer um homicídio, não prescindia de apelar para galhofa, o ridículo, visando a total desmoralização do indivíduo com quem travava o pugilato.

A seguir, o Diário Carioca, notícia um confronto entre um oficial estrangeiro, da Marinha, e um marujo brasileiro, desengonçado e de baixa estatura: após uma permuta de improperios entre o oficial, homem de porte avantajado, elegante, ocorreu o seguinte: exasperado, o estrangeiro avançou em direção ao nacional, com o intuito de aplicar um violento godeme (soco).demonstrando uma agilidade simiesca, característica também da dos felinos, o patrício esquivou-se, e com o bico da bota atingiu o oficial, desequilibrando-o, e o arremessou no chão lamacento. Não satisfeito ainda chasqueou: "Que é isso, "cumpade", eu não sô médico p'a ocê me arrecebê deitado".

Esse episódio demonstra, como já ressaltamos, e reiteramos, que, no desenrolar da luta a agilidade é um fator preponderante.

O capoeira visava sempre abater o moral daquele com quem se empenhava num pugilato, e isto contribuía para que infundisse no seu espírito e no do outro, a calma, a serenidade, enquanto ouvia provocações, invectivas, insultos, que nessas ocasiões eram habitualmente proferidos.

MOURA, Jair. A Capoeiragem Carioca e as Suas Raízes, da Capoeiragem Carioca Através dos Séculos Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.